

A ideologia alemã em seu lugar cronológico

*Olavo Antunes de Aguiar Ximenes*¹

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Deutsche Ideologie: Zur Kritik der Philosophie. Manuskripte in Chronologischer Anordnung.** Eds. Gerald Hubmann e Ulrich Pagel. 1a. ed. Berlim/Boston: De Gruyter, 2018, 149 pp.

Palavras-chave: Ideologia alemã. Materialismo histórico. Crítica da ideologia.

Keywords: German ideology. Historical materialism. Critique of ideology.

Muitos livros já foram escritos sobre a “Ideologia alemã”.² Muitas disputas foram travadas em torno do legado de Marx e Engels. E, mesmo assim, muitos outros ainda serão escritos sobre a *inexistência de um livro devidamente intitulado “A ideologia alemã”*. Vejamos os passos desta história. Como é possível conferir no livro *A Political History of the Editions of Marx and Engel’s “German Ideology Manuscripts”*³ de 2014, Carver e Blank foram dois autores que contam entre os primeiros comentadores a divulgar

¹ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia do IFCH/Unicamp.

² Agradeço ao convênio entre a FAPESP e a CAPES pelo financiamento da minha pesquisa de doutorado (processo no. 2017/01178-9, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4552-3588>. E-mail: oaaximenes@gmail.com. Aproveito para agradecer às duas pessoas anônimas que forneceram pareceres muito generosos sobre esta resenha e a editora Laura Luedy pela leitura, edição e correção desta resenha.

³ CARVER, T. & BLANK, D. *A Political History of the Editions of Marx and Engel’s “German Ideology Manuscripts”*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2014.

e defender, em língua inglesa, o caráter acidental e problemático dos manuscritos reunidos sob o título editorial mencionado. Entre outras afirmações polêmicas – sempre a depender de quem lê –, eles argumentaram que o caráter apócrifo da “Ideologia alemã” teria permanecido um segredo para amplos segmentos de leitores marxistas. Estando Carver e Blank certos ou não nessa avaliação, o fato é que um novo capítulo dessa “história política de edições” foi inaugurado com a publicação definitiva dos manuscritos para a “Ideologia alemã”⁴ reunidos no volume I/5 da *Marx-Engels-Gesamtausgabe*⁵, lançado em novembro de 2017, sob os cuidados de Gerald Hubmann, Ulrich Pagel e Christine Weckwerth. Nesse volume podemos encontrar manuscritos redigidos entre 1845 e 1847,⁶ em sua forma autêntica e sem intervenções editoriais,⁷ dispostos de um modo *lógico* – isto é, de tal modo que alguns itens de texto foram reunidos e ordenados a despeito de sua cronologia

⁴ MARX, K.; ENGELS, F. *Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke*. Bearbeitet von Ulrich Pagel, Gerald Hubmann und Christine Weckwerth. [Karl Marx und Friedrich Engels Gesamtausgabe (MEGA), Erste Abteilung, Band 5]. Hrsg. IME. Berlin/Boston: De Gruyter, 2017, 2 vols.

⁵ Mais conhecida pela sigla MEGA-2, pois se trata da segunda versão do projeto de edição das obras completas de Marx e Engels.

⁶ Até mesmo a datação desses manuscritos estava, até muito recentemente, em disputa em círculos especializados. Na versão final da MEGA-2 I/5, a datação adotada implica estender os trabalhos nos manuscritos até 1847 – em oposição a uma longa tradição que localizava o fim da redação no verão de 1846. De qualquer maneira, é ainda comum – mesmo entre leitores altamente especializados – se referir à *Ideologia alemã* apenas como *manuscritos de 1845/6*. Esse procedimento, de um lado, isenta o comentador de continuar a se referir a um título controverso; mas, por outro lado, dá direito de cidadania a uma versão da datação desses manuscritos. Esse procedimento aparece no ótimo artigo da Dra. Sarah Johnson. Cf. JOHNSON, S. “Os primórdios de “modo de produção” de Karl Marx”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 2 n. 2, Dossiê Marx & Simmel, 2o semestre de 2018, pp. 361- 434, 2021.

⁷ A esse respeito, aviso que uma das intervenções mais famosas foi a criação editorial nos anos 1920 de um capítulo “I. Feuerbach” a partir de folhas manuscritas dispersas.

de redação original. Levando em consideração esse pano de fundo, pode se seguir, então, à apresentação do segundo momento desse que é um novo capítulo da história das edições da “Ideologia alemã”: a edição *cronológica* de alguns manuscritos selecionados da MEGA-2 I/5, que será resenhada aqui.

Em meados de 2018 Ulrich Pagel e Gerald Hubmann publicaram uma nova edição da “Ideologia alemã”, portando o título *Ideologia alemã: para a crítica da filosofia. Manuscritos em ordem cronológica*⁸ [*Deutsche Ideologie: Zur Kritik der Philosophie. Manuskripte in Chronologischer Anordnung*]. Nessa obra foram editados trechos dos manuscritos e itens de texto da MEGA-2 I/5 conjuntamente com algumas das respectivas variantes textuais especificamente de *forma cronológica* – como sugere o título. Tarefa definitivamente difícil. Como os editores bem lembraram na *Introdução (editorial)*, o processo de redação desses manuscritos, cujas formas e intenções de publicações foram se alterando, foi muito longo e dinâmico. A respeito da cronologia relativa é importante informar que os primeiros manuscritos terminados pela dupla Marx e Engels⁹ foram os chamados capítulos “III. São Max” e “II. São Bruno”. Isso significou que, somente no decorrer da redação de “III. São Max”, os autores decidiram separar trechos dos capítulos já escritos para formar um dossiê (*Konvolut*) Feuerbach. Esse dossiê *poderia* ter sido usado como material para a confecção final do capítulo

⁸ Nota-se a ausência de artigo definido “a” no título proposto pelos editores. Isto é, no lugar de escrever “A ideologia alemã” opta-se por “Ideologia alemã”. Ainda está em curso em círculos especializados a elaboração de uma forma padronizada para se referir a esses manuscritos. Infelizmente, uma reconstrução dos argumentos contra tal título fogem do escopo desta resenha. Um resumo pode ser encontrado na própria *Introdução [Einführung]* de Pagel & Hubmann do livro aqui resenhado.

⁹ Registra-se que a caligrafia predominante nos manuscritos é aquela de Engels, tendo Marx feito, em geral, notas marginais. Há também algumas dezenas de páginas passadas a limpo por Weydemeyer. Sendo assim no conjunto dos manuscritos se encontram ao menos três tipos diferentes de caligrafia. Essa conta se expande se considerarmos intervenções editoriais posteriores, como, por exemplo, aquelas de Bernstein.

“I. Feuerbach”, mas uma tal forma final de capítulo não foi elaborada, em vida, por Marx e Engels. Para ser mais claro: o que na MEGA-2 I/5 apareceu sob a forma do dossiê Feuerbach e de manuscritos para “I. Feuerbach” nada mais era do que um apanhado de trechos redigidos em diferentes momentos e contextos, e cuja utilização efetiva na redação de um capítulo “I. Feuerbach” era incerta.¹⁰ No livro ora resenhado, esse dossiê foi novamente separado e reintegrado em seus respectivos contextos originais de redação.

Tendo feito esse preâmbulo, voltemos à estrutura do livro. Ele é composto de duas introduções editoriais ambas de mesmo conteúdo, sendo uma em alemão e outra em inglês. Nelas o estado da arte das pesquisas acerca desses manuscritos é exposto de forma resumida. Tal introdução é um dos grandes méritos dessa edição cronológica, pois facilita muito o entendimento dos diversos níveis de problemas em torno da *Ideologia alemã*. Esses níveis foram explorados à exaustão no extenso aparato crítico em língua alemã do já referido volume da MEGA-2.

A seleção em ordem cronológica começa com um manuscrito, originalmente redigido no contexto de um artigo polêmico contra Bauer, que tinha sido incorporado no capítulo “II. São Bruno”. Logo em seguida, Marx e Engels o removeram desse capítulo e o separaram para servir de material para o futuro capítulo contra Feuerbach, formando, assim, o primeiro substrato do dossiê Feuerbach. Neste trecho é possível encontrar algumas das primeiras formulações de uma concepção própria de história. Na sequência desse manuscrito, encontramos um texto originalmente escrito durante o embate crítico com Stirner (“III. São Max”).¹¹

¹⁰ É importante ressaltar que essas informações todas constam no próprio aparato crítico e na introdução do referido volume da MEGA-2. Sobre a incerteza do uso dos manuscritos “I. Feuerbach” confira o trabalho de Carver e Blank mencionado acima.

¹¹ O capítulo contra Stirner (III. São Max) é o mais extenso da *Ideologia alemã*. Foi durante a elaboração deste capítulo que várias decisões – de nível teórico e de apresentação de texto – foram tomadas. Para a reconstrução de sua

Ele, por sua vez, também foi retirado, pela dupla alemã, de “III. São Max” e realocado no dossiê de Feuerbach. Os editores, então, apresentam sete trechos (sempre respeitando a ordem cronológica relativa) do já referido capítulo “III. São Max”. A seleção seguinte é, mais uma vez, de partes que foram removidas do capítulo contra Stirner e integradas no dossiê, e que são acompanhadas novamente por trechos do mesmo capítulo. Muito após terem montado tal dossiê, Marx e Engels ensaiaram alguns inícios para um capítulo “I. Feuerbach” (alguns deles podem ser conferidos no livro resenhado). Contudo, antes de efetivamente se engajarem na redação dos inícios, Marx e Engels decidiram terminar a introdução ao segundo volume da revista trimestral que versaria sobre o “socialismo verdadeiro” (introdução também presente no livro). O último item é o prefácio, de autoria apenas de Marx, para o volume duplo de um pretendido livro.¹² Um ponto muito positivo dessa edição cronológica é poder acompanhar Marx e Engels em seu duro caminho teórico – e cronológico – de elaboração de conceitos chaves: ideologia, pequeno burguês e concepção de história.

Acompanham também a edição nove fac-símiles coloridos, impressos em papel de boa qualidade, de algumas das folhas dos manuscritos reunidos no livro. A história da transmissão e posse do espólio de Marx e de Engels, assim como da publicação de suas obras, já preencheu bibliotecas inteiras. Não pretendo reconstruir essa história,¹³ só noto que atualmente grande parte do espólio Marx-Engels está em Amsterdã, em posse da IISG (*Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*; em português, Instituto Internacional de História Social) – exceção feita ao manuscrito do

importância, vide a introdução editorial do livro resenhado.

¹² Para uma apresentação geral dos três contextos principais de redação consultar a *Introdução* editorial do livro resenhado.

¹³ Um dos principais relatos sobre a história do acervo Marx-Engels é o de Paul Mayer. Cf. MAYER, P. „Die Geschichte des sozialdemokratischen Parteiarchivs und das Schicksal des Marx-Engels-Nachlasses“ In: *Archiv für Sozialgeschichte*, VI-VII, 1966, p. 5-198.

acima mencionado *prefácio*, atualmente guardado em um arquivo na Rússia. Chamo atenção para essas informações, pois na história das edições é possível encontrar acusações de que alguns dos materiais adquiridos pelos soviéticos teriam sido furtados. No caso particular de que ora tratamos, as primeiras edições soviéticas da “Ideologia alemã” se basearam em fotocópias dos manuscritos presentes no acervo Marx-Engels. Seja como for, para além de uma mera curiosidade, esses fac-símiles ajudam a ilustrar algumas das informações filológicas trazidas tanto na introdução editorial quanto no aparato crítico das variantes textuais. Consultar os fac-símiles permite ao público leitor entender a dinâmica de trabalho de Marx e de Engels. Para a maior parte dos manuscritos, eles dividiam a folha a ser usada em duas colunas. A coluna da esquerda era preenchida com o texto base – sempre redigido por Engels –, e esse texto era posteriormente editado por Marx na coluna da direita. Além disso, é possível acompanhar os cortes de texto, os desenhos de Engels, as diferentes caligrafias, além de observar o estado de conservação dos manuscritos (os danos por má conservação, mordidas de rato ou umidade), e a diferença entre um trecho escrito como cópia final (ou pronta para publicação) e um redigido como rascunho. Enfim, é um verdadeiro tesouro poder acompanhar pelos fac-símiles, em suas diversas camadas, o texto editado que temos diante de nós.

Essa nova edição de trechos selecionados em ordem cronológica surge também como uma espécie de complemento mais acessível à própria MEGA-2 I/5 ou até mesmo como substituta plena do já datado e editorialmente equivocado MEW 3¹⁴, que foi amplamente lido pelo público geral e que serviu de base para a maior parte das traduções disponíveis. Não é demais ressaltar que essa nova apresentação cronológica dos manuscritos além de possibilitar um acompanhamento da formação de conceitos chaves do marxismo (conceitos já mencionados) aponta para

¹⁴ Trata-se do terceiro volume da *Marx-Engels-Werke*, edição de estudos das obras de Marx e Engels, baseada no seu congêneres russo, que reunia os capítulos do “livro” *Ideologia alemã*.

outras informações importantes: os termos *materialismo histórico* ou *concepção materialista de história* não aparecem nos manuscritos assim como não há nenhuma indicação de título nos próprios manuscritos. Trata-se de uma conjectura atribuir-lhes o título “A ideologia alemã”.

Esse último ponto me leva a outro. Os conceitos (*ideologia, pequeno burguês, concepção de história etc.*) não foram o ponto de partida da redação dos manuscritos aqui reunidos; antes, para ser mais preciso, esses conceitos marxistas surgem ao longo do embate crítico de Marx e Engels contra Bauer e contra, sobretudo, Stirner, alvo principal da contenda – e não, como anteriormente se supôs, Feuerbach. Dito de outra forma, a concepção de história e a crítica da ideologia foram o resultado dos embates críticos de Marx e Engels com Bauer e Stirner. Adicionalmente, a introdução explica que os manuscritos foram redigidos em diferentes contextos, sendo o principal deles, o de preparação para uma revista trimestral a ser fundada por Marx, Engels e Moses Hess. Essa revista seria financiada por dois empresários alemães e contaria com a contribuição de outros autores. A leitura dessa introdução editorial, muito bem escrita e bem resumida, fazendo as vezes de uma primeira escada de acesso aos novos resultados filológicos no campo marxista, aponta para duas ordens de contradição na recepção mais ampla dos textos da “Ideologia alemã”. Primeiro, a tradição concedeu um peso muito grande a esse “livro” como o fundamento do materialismo histórico ou como base da filosofia de Marx – em franca oposição ao papel atribuído por Marx a esses escritos como parte de um processo de compreensão de si. Segundo, de forma paradoxal, até mesmo as avaliações posteriores de Marx e Engels sobre esse período de intensa colaboração intelectual podem ser enganosas.¹⁵ O fato é que do ponto de vista do material

¹⁵ Para um desenvolvimento minucioso dessa parte, cf. PAGEL, U. *Der Einzige und die Deutsche Ideologie. Transformationen des aufklärerischen Diskurses im Vormärz*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2020. Particularmente a introdução (*Einleitung*).

que chegou até nós não é possível afirmar que exista um dossiê coeso de manuscritos – muito menos, que se trata de uma obra intitulada “A ideologia alemã” –, cujo capítulo de abertura, aquele “I. Feuerbach”, seria o resumo e introdução geral.

Por fim, caso a leitora ou o leitor queira se aprofundar nessa história de redação, transmissão e edição políticas de uma obra que nunca existiu, recomendo fortemente que o primeiro contato seja com essa bela nova edição selecionada e cronológica da *Ideologia alemã*.

Referências

CARVER, Terrel.; BLANK, Daniel. **A Political History of the Editions of Marx and Engel’s “German Ideology Manuscripts”**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2014.

JOHNSON, Sarah. “Os primórdios de “modo de produção” de Karl Marx”. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, v. 2 n. 2, Dossiê Marx & Simmel, 2o semestre de 2018, p. 361- 434.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Deutsche Ideologie: Zur Kritik der Philosophie. Manuskripte in Chronologischer Anordnung**. Eds. Gerald Hubmann e Ulrich Pagel. 1a. ed. Berlim/Boston: De Gruyter, 2018, 149 p.

MAYER, Paul. “Die Geschichte des sozialdemokratischen Parteiarchivs und das Schicksal des Marx-Engels-Nachlasses” In: **Archiv für Sozialgeschichte**, VI-VII, 1966, p. 5-198.

PAGEL, U. **Der Einzige und die Deutsche Ideologie. Transformationen des aufklärerischen Diskurses im Vormärz**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2020.